

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VIVYANNE SZTANDERSKI CURALOV

A AGROECOLOGIA E SUA CRIAÇÃO DE AFETOS: A BUSCA PELO BEM VIVER.

**MATINHOS
2022**

VIVYANNE SZTANDERSKI CURALOV

A AGROECOLOGIA E SUA CRIAÇÃO DE AFETOS: A BUSCA PELO BEM VIVER.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Sônia Maria Goulart Gonçalves

**MATINHOS
2022**

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência com reflexões sobre as vivências ecopedagógicas mediadas através das oficinas de agroecologia que proporcionaram criação de vínculos e saberes de uma comunidade localizada em Vargem Grande Paulista - SP. Nesse sentido, busca-se investigar a possibilidade de construir, em parceria com a comunidade local, metodologias que aproximem a participação social com a agrofloresta, possibilitando a criação de afetos e saberes por meio de vivências e experiências feitas em um sítio localizado na região. As relações estabelecidas durante o desenvolvimento das oficinas apresentaram a minha integração e a integração das crianças na comunidade, além da possibilidade de juntas adquirirmos saberes sobre a natureza. Percebeu-se a valorização do vínculo, troca de saberes mediados pelos plantio, uma nova relação dos participantes com os alimentos e articulação agroecológica na comunidade.

Palavras-chave: Agroecologia. Comunidade. Bem-viver.

1 - INTRODUÇÃO

A jornada da ANE me trouxe reflexões profundas e uma vontade enorme de atuar em meu território como há tempos eu não tinha. Nos últimos nove anos atuei em sala de aula como professora dos Anos Iniciais, porém também me dediquei a coordenar um projeto de formação continuada de trabalhadores do varejo e da construção civil em práticas de “Letramento e Numeramento” em alguns estados do país. Estava crente que eu desenvolveria um projeto a partir dele. Porém com o passar dos encontros do ANE fui tocada pelas vivências, construções e debates e senti o desejo de transformar os meus interesses de estudos e ações.

Em nossos encontros refletimos sobre a realidade do território, a relação do trabalho na transformação da natureza, as mudanças e impactos nas dinâmicas dos sistemas agrários no tempo e no espaço, as relações sociais e as movimentações dos sujeitos que pertencem à comunidade. Ao longo dos encontros percebi o quanto não conheço e não me relaciono com o espaço em que estou inserida.

Em Outubro de 2020, eu e meu marido decidimos sair da cidade de São Paulo e nos mudar para a cidade de Vargem Grande Paulista, próximo à Ibiúna, no Estado de São Paulo. O meu sonho de construir um espaço agroecológico no quintal de casa estava sendo construído. Desde então sentimos a diferença de estar conectada a um território mais verde. No quintal de casa temos uma área de mananciais e podemos ouvir o movimento das águas. Em meio à pandemia nos conectamos ao meio mas não tanto às pessoas que aqui vivem e trabalham (nos conectamos um pouco à rede de vizinhos). As minhas primeiras movimentações desde que cheguei foram o manejo de um espaço agroecológico em meu quintal e o meu sonho é que projetos de agroecologia possam ser multiplicados na região em que estou inserida.

Os meus primeiros encontros com a permacultura e agroecologia aconteceram em 2016, quando as crianças de uma turma minha da escola Lumiar desenvolveram o interesse pelo manejo da terra. Mais adiante, me voluntariei em Abril de 2019 ao Espaço Comunitário chamado *Ayni*, em Guaporé, no Rio Grande do Sul. Em Maio e Junho também estive com algumas escolas de La Serena e Valle del Elqui no Chile, mediando encontros a partir da busca pelos princípios à integração dos sete campos necessários

para a sustentação das comunidades: Manejo da terra e da natureza; Espaço Construído; Cultura e Educação; Ferramentas e tecnologia, Saúde e bem estar espiritual, Economia e Finanças; Posse da terra e comunidade.

QUEM SOU EU?



Imagens das vivências e práticas pedagógicas que mediei antes da pandemia referenciando a agroecologia e a permacultura. Algumas das fotos acima foram tiradas por mim e outras por voluntários que faziam parte da ação.

A permacultura foi cunhada por Bill Mollison e David Holmgren em meados dos anos 70. Eles reorganizaram conhecimentos ancestrais, habilidades, sabedoria tradicional e informações sobre plantas, animais e sistemas sociais e adicionaram novas ideias. A permacultura fala sobre a produção de alimentos, organização dos seres humanos e o uso de energia que podem ser planejados a partir do design. O manejo da natureza e da terra são uma das fontes da permacultura. Um dos princípios da permacultura é a observação e interação e ela fala sobre a importância da análise do desenvolvimento contínuo da terra e vida.

Foi com as lideranças Mapuches e Quechuas, que estavam presentes no Chile para o Encontro Nuestra América em 2019, conheci o conceito do “Buen Vivir” que fala

sobre o uma nova forma de convivência cidadã, em diversidade e harmonia com a natureza.

Buen Vivir e o termo em *Kichwa* “*Sumak Kawsay*”, língua na qual nasceu conceito em sua versão equatoriana são trazidos aqui no Brasil por Alberto Acosta, que tem auxiliado as comunidades a compreenderem o conceito do “*Buen Vivir*” e sobre outras formas de organização sociais e novas práticas políticas. É sobre uma oportunidade de construir um mundo diferente, que não será alcançado com um discurso incoerente com a prática.

O Bem-Viver é uma oportunidade para construir outra sociedade, sustentada em um convivência cidadã, em diversidade e harmonia com a Natureza, a partir do conhecimento dos diversos povos culturais existentes no país e no mundo. (José Maria Tortosa).



Encuentro Nuestra América - Universidad de La Serena - Maio/2019 - Foi aqui que me aproximei e vivi o “Buen Vivir”.

Eu sempre me articulei ao território onde estive, seja através de projetos de ciclismo para mulheres, hortas urbanas ou levando as próprias crianças para ocupar a cidade de São Paulo no transporte público. Desde que cheguei em Vargem Grande Paulista (que atualmente possui 53,468 habitantes) tive apenas a chance de conhecer um pouco mais

do território que está cercado por hortas monoculturais, fazendas que realizam queimadas no solo e condomínios gigantescos que não conversam com o meio. Há bairros que possuem praças públicas e quadras coletivas que não tiveram manutenção ao longo da pandemia. Há ainda uma parte da cidade com alguns projetos coletivos de convivência de Idosos, centros de referência à crianças, que ainda estão fechados.

Na primeira semana de Agosto de 2021, uma queimada horrível tomou conta de boa parte do território. A prefeitura não elaborou uma nota e nenhum projeto de conscientização foi elaborado para a contenção desse fogo que, segundo moradores, acontecem todo ano entre junho e setembro.

Pelo que vi até então, o território onde habito, marcada pela monocultura e agropecuária, realiza a incorporação parcial de insumos convencionais (venenos) e fazem uso de maquinário para a venda às grandes corporações, associados às queimadas e desmatamento. Conversando com alguns vizinhos após a última queimada, muitos me trouxeram que esta acredita que a monocultura e agropecuária são a única possibilidade e caminho para a produção e crescimento do PIB na região.

“A monocultura traz alterações no sistema, nos ciclos de nutrientes; utiliza-se muita energia de combustíveis fósseis, provoca-se a alteração do ciclo da água pela redução drástica da biodiversidade e pela perda de matéria orgânica.” (Ribeiro, 2017, p. 18).

O Bem Viver fala sobre a crise multifacetada - social, econômica, política e civilizatória - e sobre a importância da participação e controle social a partir das bases sociais nos bairros e comunidades. Nessa busca coletiva de alternativas múltiplas, vejo a agroecologia como um potencial para a transformação do meio, possível de manter territórios sem veneno, com mais saúde, biodiversidade e melhores relações entre as pessoas e a natureza.

2 - O QUE É A AGROECOLOGIA?

Antes de tudo, é preciso entender o conceito e visão da agroecologia. Para isso, vou fazer uso do livro “Princípios da Agroecologia”, escrito por estudantes da Universidade Federal de Santa Maria (Lia Rejane Silveira Reiniger, José Geraldo Wizniewsky e

Marielen Priscila Kaufmann) que trazem luz ao conceito. Para eles, a agroecologia é um campo multidisciplinar que pretende contribuir na construção de estilos de agricultura de base ecológica e na elaboração de estratégias de desenvolvimento rural.

Já de acordo com Altieri (1995), a agroecologia pode ser caracterizada como uma disciplina que fornece os princípios ecológicos básicos para estudar, desenhar e manejar agroecossistemas, proporcionando, desta maneira, processos de transição. Ela traz a agrobiodiversidade e diversidade biológica das plantas, alimentos, insetos e ecossistemas. Ela pode ser conhecida como uma disciplina, prática agrícola e/ou um movimento social e político.

A dimensão ecológica é a que mais se evidencia nas experiências com a Agroecologia, pois está relacionada com as mudanças nas práticas agrícolas, em prol da ecologização das atividades de plantio, manejo, colheita, etc.

Para Reiniger, Wizniewsky e Kaufmann (2017), a Agroecologia proporciona as bases científicas para apoiar o processo de transição a estilos de Agricultura Sustentável, nas suas diversas manifestações e/ou denominações: Ecológica, Orgânica, Biodinâmica, Agroecológica, Regenerativa, Baixos Insumos Externos, Biológica, entre outras. Para os autores,

“a Agroecologia se aproxima ao estudo da agricultura em uma perspectiva ecológica, embora sua estrutura teórica não se limite a abordar os aspectos meramente ecológicos ou agronômicos da produção, uma vez que sua preocupação fundamental está orientada a compreender os processos produtivos de uma maneira mais ampla. Assim, na Agroecologia, os agroecossistemas constituem unidade fundamental de estudo, em que os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações socioeconômicas são investigados e analisados em seu conjunto.” (p. 16).

No Sítio, aprendi que em uma floresta, as plantas possuem diferentes espaços, se distribuindo em áreas que chamamos de “estratos”. Cada uma possui um estrato diferente (baixo, sub bosque, alto dossel e estrato emergente. Quando plantamos em uma agrofloresta, obedecemos essa mesma organização. Cada planta possui um ritmo de vida e crescimento diferente e por isso a importância de se planejar bem os Sistemas Agrofloretais que vai ser o berço para as interações das espécies. No SAF podemos conciliar as mudas que precisarão de 30, 60 ou 90 dias para crescer. Antes do plantio é interessante também observar a riqueza do solo, em termos de PH, nutrientes e etc. Para

a seleção das espécies a serem plantadas, devemos observar as características climáticas do local.

Ribeiro (2017) fala sobre a importância de analisarmos o território e entender nesse “agro-eco-sistema” as alterações ecológicas e sociais que ocorreram no tempo, no espaço, na cultura e nos saberes.

Trazendo os sujeitos do campo para compreender esse processo, com intuito de reverter esse caminho e estabelecer o equilíbrio dinâmico no agroecossistema, retomando as interações ecológicas, mas também sociais e ambientais. Também levar à articulação do saber local com conhecimentos científicos, permitindo a implantação de sistemas agrícolas com biodiversidade ecológica e diversidade cultural. (Ribeiro, 2017, p. 20).

Em seu livro, Ribeiro enfatiza sobre os diálogos necessários com a comunidade, levantando as experiências vividas pelas pessoas que conhecem o território. Frente à essas considerações, proponho o seguinte caminho:

Estudo:

- A agroecologia pode reconstruir ecologicamente a maneira como lidamos com o solo e as relações sociais?
- Quais são os projetos de Educação Socioambiental que existem em Vargem Grande Paulista?

Problema:

Quais são as ações sociais coletivas que podemos tecer a fim vivermos a agroecologia e apoiarmos as relações propostas pelo “Bem Viver” com a comunidade?

Objetivos:

- Mapear e vivenciar ações locais de Vargem Grande Paulista que utilizam a agroecologia, refletindo sobre ações possíveis de mediação pedagógica com a comunidade nesses espaços.

Mapeamento

Iniciei mapeando quais os espaços os projetos socioambientais que fazem uso da agrofloresta e encontrei três deles:

- UBS Local: Possuem uma horta comunitária, porém estava desativada por conta da pandemia e do cancelamento de ações e eventos que reuniam mais que três pessoas em um mesmo ambiente.
- Colégio Oficina Pindorama - Por conta da pandemia, o colégio estava com visitas restritas. Eles não puderam nos receber.
- Sitiom: Abriga há um ano o projeto “Quintal Educativo. Possui uma casa colonial datada de 1790. É um espaço de moradia coletiva. Equipe volante de voluntários que cuidam da Agrofloresta. Realizam vivências ecopedagógicas e permaculturais.

O Sitiom estava disposto a me receber, conversar comigo e ouvir sobre o meu projeto. Visitei o Sitiom para uma primeira conversa, para me apresentar e conhecer em detalhes o espaço deles. Apresentei o curso em Alternativas para uma Nova Educação e eles ficaram interessados em conhecer mais o projeto, assim como a UFPR Litoral (foi lindo de ver o entusiasmo deles!). Apresentei a proposta do projeto e no mesmo momento a equipe disse que estava carente de apoios. Eles precisavam de ajuda para definir algumas metodologias para o trabalho com a agroecologia e as crianças.

Defini, junto com o comitê mediador, que o Sitiom seria o espaço para o desenvolvimento da proposta.

3 - A AÇÃO

Passei a me reunir em alguns dias com o Sitiom, aprendendo sobre a história do sítio e sobre a história de todas as pessoas que por lá passaram. Era importante conhecer a visão de mundo e educação que eles tinham. No primeiro momento, marquei um encontro com a Beatriz - guardião da agrofloresta, com a Isabel - dona do sítio e com a Dani - que é a educadora do Quintal Educativo.

O Quintal Educativo tem uma proposta de encontros no contraturno escolar. Ele recebe crianças de 4 a 9 anos. Juntos eles propõem oficinas, brincadeiras e rodas. As crianças são muito felizes e podem brincar livremente, explorando o espaço junto com o

apoio de um adulto. O espaço para reunir as crianças, chamado Barracão, estava desativada e o início da reforma se deu em Maio.

Em nossas reuniões, conversamos sobre nossa visão de educação e sobre o que poderíamos fazer a partir dos encontros com as crianças. Para além de me reunir com eles, senti a necessidade de viver um pouco mais o sítio e passei a me relacionar com eles indo quase que uma vez na semana. Eu já havia ido duas vezes ao Sítio, além de me reunir virtualmente com o equipe. O roteiro para “sentir o sítio” começou em Novembro de 2021 e comecei abaixo a contagem a partir do dia 2:

Dia 3: Socialização na Agrofloresta

- Eu e alguns voluntários nos reunimos para manejar os canteiros. Juntos nós partilhamos sobre conhecimentos ao longo do manejo das mudas.
- Troca e vivência com outros voluntários.
- Cura e partilha sobre o momento de luto gestacional que estava vivendo.
- Nesse dia eu conheci muitas pessoas que moram na região e me senti um pertencimento. Descobri uma linda rede de apoio na comunidade.

Dia 4: Agrofloresta intergeracional

- Criação do canteiro medicinal, em parceria com o quintal educativo.
- Nós adultos iniciamos a limpeza dos canteiros e as crianças fizeram o plantio.
- Bia iniciou mostrando cada muda e os seus benefícios. Fizemos uma rodada de experimentação dos cheiros e logo em seguida o plantio.
- Algumas crianças estavam no sítio e começamos a nos perguntar sobre como poderíamos promover a atuação delas com a agrofloresta.

Dia 5: Festa Comunitária - Gincana das estações

- Passamos um dia com famílias e adultos percorrendo o Sítio. Nesse dia tivemos brincadeiras, piscina, almoço e um edital de apoio ao sítio foi lançado. Conheci mais moradores da comunidade nesse dia.

Dia 6: Reunião Final - Organização da ação

- Escuta da comunidade do Sítio: quais os desafios e potencialidades que eles veem no Sítio e no trabalho com a comunidade?
- Como eles veem o trabalho no território?
- Definição das metodologias pedagógicas que poderíamos experimentar com as crianças;
- Planejamento das ações de Maio;
- Decidimos que criaríamos algumas ações na comunidade local, convidando as crianças da EMEF Ana Maria Campos de Oliveira a partilhar um dia conosco, a partir de metodologias que incentivem a relação com a agrofloresta.

Visita ecopedagógica: Escola Municipal Ana Maria Campos de Oliveira

Estávamos animados e ansiosos para receber as crianças. Elas chegaram às 7h10. Foram cerca de trinta crianças e uma professora. A professora delas conseguiu um ônibus da prefeitura para ajudar a levar as crianças. Utilizamos algumas metodologias, mas em especial o Caderno de Metodologias da UFPR que a professora Bica recomendou em uma das mediações.

Elaboramos o seguinte roteiro com elas:

1. Aquecimento do corpo e reconhecimento de nossos nomes;
2. Andando pelo ambiente: reconhecimento da Mata Atlântica;
3. Contação de história na trilha: a história da casa colonial e a organização dos escravos para saírem da casa em busca de sua liberdade e autonomia.
4. Visita à horta agroflorestal;
5. Dança das sementes;
6. Almoço: preparo do ambiente;
7. Compostagem;
8. Brincar livre;
9. Distribuição de sementes para plantio na escola



Contação de história na trilha: a história da casa colonial e a organização dos escravos para saírem da casa em busca de sua liberdade e autonomia.



Visita à Horta Agroflorestal: Princípios agroflorestais.



Dança das sementes: Princípios agroflorestais



Preparo do ambiente e almoço: Agricultura Regenerativa



Compostagem



Livre Brincar



Distribuição de sementes para plantio na escola.

Foi incrível ver a interação das crianças em cada uma das estações. É importante trazer também os motivos que nos levaram à criação deste roteiro:

- **Aquecimento do corpo e reconhecimento de nossos nomes;**

O reconhecimento do grupo e de quem está presente no dia é essencial para a ação. Passar um dia junto pressupõe que possamos conhecer uns aos outros. As crianças chegaram se apresentando através de um movimento do corpo. A criança falava o seu nome ao mesmo tempo que fazia um movimento. Todos repetiam o nome da criança apresentada. É bonito ver a criança se sentir representada pelos colegas através do movimento.

Neste momento percebi que algumas crianças tiveram dificuldades para repetir o movimento que o colega estava fazendo. A professora deles nos trouxe que desde que as crianças voltaram do isolamento social, elas têm apresentado algumas limitações em termos de amplitude dos movimentos. Brincar com movimentos físicos é essencial para o desenvolvimento das crianças.

- **Andando pelo ambiente: reconhecimento da Mata Atlântica**

Andar em silêncio pela Mata Atlântica trouxe um outro tipo de conexão das crianças com o meio. Estávamos conversando muito e fomos convidados a prestar atenção no ambiente. Observamos espécies que eu mesma não conhecia antes. As teias de aranha, os cipós, as cores diferentes presentes nos cascos das árvores... as observações foram incríveis.

Aqui aprendemos muito mais do que todas as aulas teóricas possíveis sobre a Mata Atlântica. Sentir, viver e observar junto com outros educadores potencializou as conexões e aprendizagem. Quanto mais diversificado o ambiente externo, mais conexões fazemos com o ambiente interno.

Uma vez ouvi um educador dizer que as “crianças são a natureza tornando-se humana” e fiquei pensando no quanto elas e nós nos reconhecemos enquanto natureza nas andanças que fizemos pela trilha.

- **Contação de história na trilha: a história da casa colonial e a organização dos escravos para saírem da casa em busca de sua liberdade e autonomia.**

Sentamos na trilha e fizemos a escuta de uma história, trazida por uma das voluntárias. Ela nos contou a história das sementes e sobre como o homo sapiens aprendeu e evoluiu através das sementes. Foi incrível ver o rosto das crianças e o cuidado que elas tiveram com as sementes logo após a história.

No mesmo caminho, observamos um túnel. Este túnel já é conhecido pelo sítio. O túnel foi construído como rota de fuga para a liberdade pelos escravos que moravam na casa do “senhor do Engenho” em 1739. Para explicarmos a ideia do túnel, uma voluntária contou a história dos povos Bantos e de como elas foram trazidas à força pelos portugueses ao Brasil. Com muito carinho, revolução e amor, a voluntária contou como era a busca e o desejo pela liberdade das comunidades negras que foram tiradas à força de suas famílias e amados. As crianças sentiram essa emoção e juntas visitamos o túnel. Nos arrepiamos com toda a sensação que o túnel nos passa.

- **Visita à horta agroflorestal;**

Junto das crianças, conhecemos um dos Sistemas Agroflorestais. Trabalhamos com as crianças a interação entre as espécies, a cooperação e mostramos como as espécies podem se apoiar através das sombras, dos nutrientes.

Aprendemos sobre as semestres e entramos em um viveiro que é o grande berçário delas. As crianças adoraram conhecer um “berçário de sementes”. A Dani, educadora do Quintal Educativo, contou uma história às crianças. Após a história, fomos conhecer os “Sistemas Agroflorestais”.

Em cada sistema agroflorestal plantamos pensando em três ciclos com 30 dias de diferença. Em um dos sistemas do Sítio, organizamos as espécies cooperarem da seguinte maneira:

- 30 dias: Rabanete e Rúcula
- 60 dias: Brócolis, Alface e Vagem
- 90 dias: Milho, Beterraba e Batata doce.

Falamos sobre a plantação, assim como a poda que também é parte fundamental do manejo de um sistema agroflorestal. É dessa forma que produzimos matéria orgânica e favorecemos a entrada de luz. Fizemos a poda de uma bananeira.

Trabalhamos com as crianças o reconhecimento de cada uma das folhas e plantas. Próximos aos sistemas agroflorestais temos algumas plantas que vão nascendo “sem sabermos como” (provavelmente através dos pássaros) e nelas tínhamos um canteiro de cenouras. As crianças amaram ver como “cresce” cada planta e como elas são antes de chegar à mesa.

Ensinamos as crianças sobre a adubação e que é essencial cobrir os canteiros com matéria orgânica para enriquecer o solo. Algumas das matérias orgânicas que usamos são o cavaco de madeira, as próprias folhas da bananeira e/ou palha. Falamos sobre a abundância e a diversidade que vai tornando o ambiente mais rico para as plantas crescerem mais fortes.

Nós não conseguimos plantar com as crianças no dia, pois não conseguimos organizar os berços com antecedência. No dia nós também não tínhamos separado mudas. É sempre desafiador pensar em plantar com trinta crianças ao mesmo tempo. Um dos cuidados que tivemos que ter foi o de pedir para as crianças não pisarem nas mudas. Para um próximo encontro, quero ter a chance de plantar com as crianças.

- **Dança das sementes**

Fizemos uma brincadeira com as crianças, onde cada uma era uma semente. Entregamos uma semente por criança: milho, rabanete, mamão, feijão, mandioca, abóbora, algodão, gengibre. Nessa brincadeira, cada criança era uma semente e juntas elas se misturavam. Aqui a nossa intenção foi trazer luz ao conceito de “Muvuca de Sementes”.

Algumas crianças observaram as sementes e trouxeram suas percepções em relação a tudo o que estavam vivenciando. Aqui vou algumas das frases que ouvi-las dizer:

“Então a natureza mora na gente?” - Antônio, 8 anos

“É como se eu fosse o milho e você o feijão?” - Joana, 7 anos

“A comida da nossa escola vem de onde?” - Gabriela, 8 anos

Não focamos a nossa interação com a agrofloresta e crianças a partir de conceitos. Não era possível ensinar conceitos, apenas brincar e sentir a agrofloresta que estávamos naquele momento. De alguma maneira, andando pelo sistema agroflorestal e observando as mudas, as crianças puderam experimentar e construir conceitos que as guiarão em sua jornada. Uma das crianças me disse que estava aprendendo sobre o crescimento das plantas na escola, mas que ver várias crescendo ao mesmo tempo fez toda a diferença para ela.

Me lembrei do livro “Atividades em Áreas Naturais” da Rita Mendonça (2017), especialmente do capítulo “A natureza não é a sala de aula”, pois “trabalhar fora da sala de aula é preciso reconhecer as características de um espaço aberto e fazer proposições

educativas coerentes com ele” (p. 35). Neste momento, a autora sugere que o o reconhecimento e a interação com os elementos vivos do ambiente devem ser priorizados acima dos conteúdos a serem “transmitidos”. Ao andar pela natureza externa, imprevistos acontecem e não controlamos todas as interações possíveis que as crianças terão com o espaço. Muitas conexões são elaboradas. Há sempre aquelas crianças que ficam mais tempo observando, outras que querem brincar o tempo todo, outra que pede para o restante do grupo fazer silêncio. É importante que os adultos entendam que todas as crianças estão fazendo as conexões à sua maneira e precisamos respeitar o tempo de cada criança durante o processo de vivências para além da sala de aula.

- **Almoço: preparo do ambiente**

A grande maioria dos itens do almoço foram preparados a partir do que o Sítio produz. No dia foi oferecida uma alimentação vegana, com muita variedade. Preparamos o ambiente com flores e as crianças ficaram entusiasmadas. Em outras vivências do Sítio as próprias crianças se servem, mas nesse dia isso não foi possível, pois tínhamos pouco tempo e ainda gostaríamos que as crianças pudessem brincar nos outros espaços do sítio. O ambiente do almoço era leve, alegre e divertido.

- **Compostagem**

Após o almoço fizemos a compostagem e este foi o momento mais delicado para elas se concentrarem. Elas já tinham exercido bastante a concentração durante a manhã toda e senti que ensinar sobre a compostagem foi desafiador e aqui tivemos que usar algumas estratégias para promover um direcionamento e escuta. Levamos conosco alguns instrumentos musicais que nos ajudaram a pedir a atenção das crianças para os momentos de orientação.

Neste momento aprendemos sobre os ciclos da compostagem. Algumas crianças também pegaram as minhocas pela primeira vez. Cada uma trouxe um olhar diferente sobre as minhocas. Algumas sentiram “nojo” e quiseram ficar mais distantes. Fizemos a compostagem.

As crianças não vieram a hora de poder brincar (e eu também).

- **Brincar livre**

Algumas crianças não sabiam que reação fazer quando viram os tecidos nas árvores frutíferas. O Sítio possui uma variedade de brinquedos naturais e tecidos. As árvores dão vida e se tornam casas. Bambus se tornam espaços de escalada. Há uma variedade de balanços e todos nós nos divertimos muito.

A professora da turma ficou encantada e disse que na escola que estudam não há muito espaço e por isso pode ter sido a primeira vez que as crianças estiveram próximas a brinquedos tão grandes e mágicos. Sempre levarei comigo as risadas delas nesse dia.

Construímos pontos, brincamos no trapézio, nos movimentamos, rimos e criamos.

- **Distribuição de sementes para plantio na escola**

Antes das crianças irem embora, nos reunimos e a educadora Dani faz uma distribuição de sementes para a professora. Combinamos que as crianças farão o plantio na escola. Seria interessante se pudéssemos acompanhar o plantio e ver como a escola estabelece a relação com a alimentação, o plantio de mudas, compostagem, aproveitamento da energia do sol e tudo o que aprendemos juntos.

Uma das nossas futuras estratégias é justamente fazermos o acompanhamento dessas práticas na escola. A parceria e presença da professora foi essencial para que pudéssemos trabalhar com elas os conceitos que eram apresentados e tecidos com as crianças.





4 - APRENDIZAGENS

É importante partilhar alguns dos principais pontos que aprendi ao longo da jornada dos últimos meses, especialmente do encontro que mediamos com as crianças.

1. É importante alinhar com o tutor ou mediador do grupo as expectativas que ele e o grupo têm em relação à visita.
 - a. Quais habilidades estão sendo tecidas com as crianças nas últimas semanas?
 - b. Quais eixos temáticos podem ser encaixados a partir da visita?
 - c. Precisamos focar em algo específico ao longo da jornada?
2. Traçar os combinamos em relação a visita é essencial para o andamento da vivência. Podemos passar por todas as estações previamente combinadas? Há

algum espaço que não seria adequado para uma visita com as crianças? As expectativas precisam estar alinhadas para o planejamento de cada uma das tarefas.

3. Combinar previamente com a equipe qual será o roteiro do dia. É importante definir os educadores que estarão próximos. É sempre bom contar com alguns educadores a mais para apoiar em casos de emergência, por exemplo. Estabelecer uma maneira fácil de vocês se comunicarem também é essencial ao processo.
4. Faça o planejamento das atividades, mas não se apegue a elas. Imprevistos podem acontecer. Esteja atento à fala das crianças e a todas as conexões estabelecidas por elas. A fala delas pode nos conduzir a processos incríveis. Elas podem ser os verdadeiros guardiões da jornada.
5. Tenha alguém da equipe disponível para registrar as falas das crianças. Importante se alguém do grupo puder registrar através de imagens. Preparar um momento para que as crianças façam o registro, seja desenho, seja escrito, também pode ser uma opção bacana.
6. Instrumentos sonoros são interessantes para guiar o grupo. No nosso caso, utilizamos um tambor que fazia um som interessante. Com ele foi possível chamarmos a atenção das crianças, cantarmos no caminho e direcionarmos alguns momentos da trilha.
7. O educador é o que menos educará no dia: ele será observador, espectador ativo e presente. Os próprios recursos externos apoiarão a aprendizagem das crianças. A mediação dos educadores é importante, mas todos os recursos e observações das crianças ensinam muito.
8. É importante fazer uma aproximação com o grupo após a vivência. Muitos dos conceitos tendem a ser “esquecidos” caso os pontos aprendidos não sejam continuamente articulados. Seria importante, por exemplo, incentivarmos a construção de algumas composteiras na própria escola. Assim, aos poucos, os conceitos serão aprimorados.

5 - PRÓXIMOS PASSOS

Após a visita das crianças, entramos em contato com a escola e estamos organizando uma ação específica para as crianças em Agosto. Faremos uma contação de histórias e as crianças fizeram desenhos da visita de Maio e irão nos mostrar as principais aprendizagens estabelecidas. A escola não tinha disponibilidade para nos atender em Junho. Por conta das férias de Julho, nos receberão em Agosto. O ideal é que a visita aconteça até duas semanas depois da vivência, mas iremos utilizar o tempo que temos.

Como planejamento futuro, nós receberemos mais escolas municipais no Sítio e abrimos um edital. Com ele iremos captar recursos para receber as escolas municipais de Vargem Grande Paulista. Os encontros iniciarão a partir de Setembro. O Quintal Educativo também continuará com as suas atividades a partir de Agosto. O barracão, espaço onde nos encontramos com as crianças, também está ficando pronto e mal podemos esperar para organizar todos os livros, jogos e brinquedos por lá.

Estamos planejando realizar vivências e formações, recebendo assim professores(as) que possam experienciar a aprendizagem livre através da natureza. O desenho do curso será ensinar os princípios da permacultura e da agrofloresta a partir da educação. São inúmeras as pessoas envolvidas neste sonho.

6 - O AFETO. A COMUNIDADE. A BUSCA PELO BEM VIVER.

Eu cheguei em Vargem Grande Paulista no final de 2020. A pandemia fez com que eu me sentisse sozinha. Alguns sonhos estavam morrendo. Eu tinha um sonho de conhecer os projetos locais, mas não tinha tanta força (além do receio de não ter a vacina contra a Covid disponível).

Quando eu iniciei a especialização em Alternativas para uma Nova Educação, uma esperança voltou a viver em meu coração. Os encontros da ANE me deram força para exercer uma diferença em meu território e fazer o sonho acontecer. Desde que iniciei o trabalho com o Sítio, me senti pertencendo à comunidade local. Participei de outras vivências no Sítio, como a Festa Junina, as meditações em grupo, o Sarau e isso me possibilitou conhecer pessoas que moram na região e em cidades vizinhas: Caucaia do Alto, Cotia e São Roque. Me senti menos sozinha e que existem pessoas que acreditam que uma outra educação é possível.

No Sítio nós aprendemos juntos: crianças, idosos e adultos. No dia em que construímos o barracão, vi o encontro intergeracional acontecer. As crianças passavam o barro aos adultos, que passavam a palha aos mais velhos, que por sua vez molhavam a massa. Eu senti o Bem-Viver à medida que me relacionei com os moradores locais, à medida também que conheci o Quilombo Maria do Carmo.

O nosso sonho de futuro é que o Sítio seja um espaço de contínua aprendizagem. Um espaço de aprendizagem livre, multietária, sem barreiras para as trocas e possibilidades. Estou vendo este sonho nascer e sei que no futuro seremos uma referência em educação em Vargem Grande Paulista.

O afeto não é apenas sobre carinho, mas sobre nos afetarmos mutuamente por nossas histórias, por nos importarmos com o local e com as pessoas que nela habitam. O curso da ANE, junto com o Sítio, me abriu as portas para que eu me conectasse com o território e pudesse propor algo diferenciador. Através deste projeto, pude levar também a minha família a viver este sonho comunitário. Senti o afeto sendo tecido em cada encontro.

O projeto que aqui descrevo sem dúvida aconteceria sem a minha presença, porém eu sei que apoiei na potencialização dele em meu território, a partir das minhas dúvidas e posicionamento. O meu projeto contribui no campo das alternativas educacionais, mostrando que é possível aprender de maneira:

- Intergeracional: Diferentes idades e pessoas aprenderam no encontro mediado com as crianças.
- Interterritorialidade: As inspirações do projeto da UFPR Litoral e dos meus colegas de turma trouxeram impactos para o projeto aqui em Vargem Grande Paulista.
- Interdisciplinaridade: No encontro com as crianças da EMEF, aprendemos sobre ciências (crescimento das plantas, germinação, qualidade do solo), história (negros no Brasil, racismo, povos Bantos), geografia (Mata Atlântica, leitura de mapas, tipos de casas e moradias), matemática (ciclos, estações, quantidades de adubo). Aprendemos brincando, analisando e nos provocando.

Ao longo do curso “Alternativas para uma Nova Educação” aprendi sobre:

- O currículo e a multidimensionalidade da experiência se “estar sendo humano”: conviver com diferentes humanidades é o que constitui a educação.
- Inovações pedagógicas e a gestão participativa: Co Responsabilização da gestão dos projetos;
- As contradições e forças da BNCC como lei;
- Interinstitucionalidade e o currículo contragemônico
- Metodologias participativas e as contribuições de Paulo Freire: a educação dialética e a educação libertadora.
- Decolonização: a busca pela desconstrução de um viés histórico euro-centralizado a serviço do racismo e a estrutura opressora no tripé colonialidade do poder, saber e ser.

Para a ANE eu trouxe a alegria da presença, o apoio aos grupos como relatora e o medo de não saber como fazer para equilibrar a realização do curso virtual com os afazeres domésticos, com os cuidados à minha avó, o almoço de sábado, a feira e etc. Eu também trouxe dúvidas, angústias e questionamentos frente ao momento político, social e econômico que estamos vivendo. As leituras tem me ajudado a sistematizar o que eu desejo para a educação. Em nossos encontros eu pude sentir a vida e a esperança de finalmente construir a escola dos meus sonhos.

Tudo o que construímos ao longo da pós graduação ficou ainda mais latente na V CONANE Caiçara, que aconteceu nos dias 23 a 25 de Junho, na UFPR Litoral. A 5ª CONANE Caiçara iniciou com os moradores da comunidade pintando e limpando a universidade. Professores e estudantes passaram horas a fio organizando cada uma das ações. Discutimos sobre a Educação Democrática com os estudantes das escolas municipais, mães, moradores, lideranças, artesãos, produtores.

Durante a CONANE senti uma explosão de alegria: ver os mediadores e alunos saindo do Zoom (plataforma que utilizamos para acessar as aulas) foi inexplicável. Senti as pessoas trouxe um afeto e significado ainda maior para o programa. O nosso desejo era poder passar mais dias com trocas e vivências.

Senti que alguns estudantes estava bastante tímidos. Era estranho não saber quais pessoas eram estudantes da ANE, quias eram visitantes e etc. Eu mesma não lembrava do nome de cada um dos estudantes. Aos poucos fomos nos conhecendo melhor.

Trocar nas mesas de debate, participar das oficinas e organizar a Mostra Cultural fizeram com que eu me conectasse ainda mais com as alternativas da Educação. Todos os projetos carregam consigo os valores do respeito, empatia, cuidado, assim como a intergeracionalidade, interterritorialidade, interinstitucionalidade, interculturalidade. Tenho muito orgulho em fazer parte dessa rede!

"Voltamos para retomar a ressignificação do cotidiano educacional, com artes, práticas emancipatórias e decoloniais, garantindo o encontro, o diálogo e a expressão dos povos ancestrais, originários e dos movimentos sociais. Depois de tudo o que passamos, de toda a nossa resiliência para sobreviver, estamos aqui para reafirmar a nossa existência. Durante esses dias e anos que vivemos a dor e a incerteza, a indignação, seguimos aprofundando nossos vínculos e uma caminhada de resistência e de ações efetivas junto às nossas comunidades educacionais." - Trecho do Manifesto publicado pelos professores e estudantes ao final da 5ª CONANE Caiçara.

Agradeço toda a jornada até aqui! Por mais encontros.

Cora Coralina O Cântico da Terra

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranquila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.

De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranquilo dormirás.

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fatura teremos
e donos de sítio
felizes seremos.

Referências Bibliográficas

Costa, Alberto. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Editora Elefante, 2016.

Ribeiro, Dionara Soares (Organizadora). Agroecologia na educação básica: questões propositivas de conteúdo e metodologia. São Paulo: Outras Dimensões, 2017.

Steenbock, Walter (Organizador). Agrofloresta, ecologia e sociedade. Curitiba : Kairós, 2013.

Mendonça, Rita - Atividades em áreas naturais [livro eletrônico] /Rita Mendonça. -- 2. ed. – São Paulo : Ecofuturo, 2017.

Agroecologia nas escolas públicas: educação ambiental e resgate dos saberes populares: caderno de metodologias / Coordenação de Gabriela Schenato Bica; Rodrigo Rosi Mengarelli; Suzana Marques Rodrigues Alvares – 2020. Projeto de extensão: Agroecologia nas escolas públicas: educação ambiental e resgate dos saberes populares – Universidade Federal do Paraná – Pró-reitoria de Extensão e Cultura - Setor Litoral